

JOÃO PAULO COSTA

INDÍCIOS

À ESCUTA
DOS TRAÇOS
DE DEUS

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma brisa suave.

(1Re 19,12)

Sinto que hoje a memória é muito menos certa de si mesma e tem que lutar constantemente contra a amnésia e contra o esquecimento.

Devido a esta massa de esquecimento que tudo cobre, não se consegue captar senão fragmentos do passado, traços interrompidos, destinos humanos fugazes e quase inatingíveis.

(Patrick Modiano)

A “questão do ser” não foi a primeira mas ela coloca a situação mais originária que se chama a criação. Ser vem depois, como a sua traça, o seu vestígio e o seu depósito, todo um outro evento.

(Jean-Luc Marion)

Compreender o Deus incompreensível, indizivelmente superior a tudo aquilo que nós podemos dizer, é uma graça e uma bênção que se pagam com a tristeza de ter de caminhar entre as sombras e as imagens.

(Karl Rahner)

Algumas palavras estão lá, como índices que indicam o problema,
– que assinalam um impensado a pensar.

(Maurice Merleau-Ponty)

PRELÚDIO

*No começo era o Indício, o vestígio, a auscultação do 'sussurro de um silêncio ligeiro', que adveio carne! Por e entre aparições não se acede à Vida senão por indicações tentaculares. É sempre necessário um mínimo de *mostração* que indicie a plausibilidade das nossas percepções do mundo. Ter indícios de algo é a expressão da impossibilidade de possuir imediatamente o detalhe que se vai *mostrando* com a prática da escavação. Muitos desses indícios advêm como um evento "*impensado a pensar*" movendo e germinando tonalidades afetivas múltiplas: pasmo, gozo, desejo, admiração, temor, solidão, pudor, sofrimento, rememoração ou retração.*

Sem esse índice mínimo de inteligência afetiva (*Logos afecional*), a credulidade comunitário-individual, político-social, humano-cultural, poderá tornar-se um ato de *incredibilidade*. O estilo indicial de visões corpóreas manifesta já a *presença de uma ausência*, qual "intocado de pensamentos" (Paul Celan), em desvelamento contínuo por múltiplas mediações. A atenção a esses *indícios na voz do Verbo* pode constituir-se como rumor de uma *presença* sussurrada (cfr. 1Re 19,12), *in-tocável e in-tangível*, adversa a uma possível patológica possessão religiosa. *Noli mi tangere* (cfr. Jo 20,17)! A questão heurística que atravessa este itinerário é a de saber se a experiência sensível do *logos afetivo* poderá constituir-se como a condição figural e a cifra de possibilidade para o *encontro justo* com o outro *próximo* ou o *diversamente* outro, Deus, sem os reduzir a uma mera experiência objetual?

A exposição inédita *Traces du sacré*, do Centre Georges Pompidou, Paris 2007, com incidência na arte do séc. XX, poderá ser uma expressão

visível desse *consentir* cultural ao crer religioso ou, pelo menos, indicialmente, à dimensão sacral da vida. Estes *traços rumorosos* da transcendência relevam, de algum modo, as *metamorfozes culturais* do cristianismo contemporâneo na medida em que as consideramos *lugares de charneira* de *habitação* do Verbo *entre nós*. Na mesma linha foram os *Encontros da Imagem – Braga 2014*, subordinados ao tema *Hope & Faith*, com extraordinária exposição estacional de fotografias alusivas às virtudes teologais (fé, esperança e caridade) em sua refiguração de *existenciais* filosófico-teológicos. Um outro evento indicial, ainda mais recente, *Le sentiment religieux au cinéma*, um ciclo de filmes organizado pelo Museu do Louvre, com especial incidência na transcrição da fé cristã na realização cinematográfica (desde Dreyer a Reygadas), acompanhado da exposição *Poussin et Dieu*.

Só de si, este microclima cultural seria motivo suficiente para uma ampla habitação e reflexão filosófico-teologal. Na verdade, o princípio da encarnação, em seu sentido amplo, teológico e fenomenológico-estético, suscitou e parece ainda desencadear *visões*, *impressões* e *reinscrições in-tempestivas* sempre *in-atuais*. “A encarnação muda tudo”, escrevia o filósofo francês Merleau-Ponty. A encarnação – enquanto inscrição corpórea de demoração espiritual e de experiência primícia da graça – muda tudo porque toca de perto a facticidade da nossa existência e as suas contradições reais. A ideia musical da encarnação do *Logos* e o *modo de se manifestar* são o tema principal deste motete que se quer polifonicamente dissonante. As variações metamorfósicas e as modelações *atonais* da nossa contemporaneidade *consentem* a presença de uma ausência que nos *excede* e ao mesmo tempo *indicia* a irrupção de algo novo.

O *Logos intangível*, a Palavra, o *Verbum*, a inteligência, o discurso, a *razão afetiva* ganham consistência real na *tangibilidade* da carne que expressa a nossa comum humanidade, ou melhor ainda a “traça de uma praxis humana” (Maurice Merleau-Ponty). O *corpo de carne* vivente é o lugar de uma abertura relacional originária de si mesmo ao outro próximo de si e do si a Deus enquanto Outro de nós-mesmos que abraça e autentifica o nosso caos e as nossas tribulações mais obscuras (cf. Mc 2,17). A reabilitação da corporeidade afetiva, na sua profundidade fenomenológico-estética, é um ato imprescindível do viver teologal. É o itinerário espinhoso do corpo fenomenal ao corpo teológico ressuscitado e da sua reversibilidade quiástica que exclui seguir a *via oppositorum* entre as diversas sapiências. A horizontalidade e a “co-recetividade sen-

sível que nos une originariamente uns aos outros” (Natalie Depraz) são o começo de um diálogo aberto entre a racionalidade filosófica da finitude humana e a experiência teologal da transcendência. Encetar esse trajeto não implica necessariamente que o ponto de chegada seja o mesmo. O ato de questionar como início de toda a procura corresponde ao trajeto hospital inaugurado e praticado pelo jesuíta Michel de Certeau, que perguntava “como numa dada situação epistemológica o cristianismo é pensável” e vivível em suas práticas de aproximação ao *Mistério Santo* na história.

No respeitante à nossa comum humanidade, ao mistério do homem e das suas contradições no *corpo a corpo* com a interpelante “presença e ação de Deus no mundo” (Merleau-Ponty), a interlocução entre as diversas linguagens não só é possível como desejável. Esta postura dialógica possível deve questionar toda a “tradição filosófica (e teo-lógica) que pensou sempre mais por distinções e por oposições que por reciprocidade” (Mauro Carbone). Enquanto leitura cristã interpretativa da existência humana, a hermenêutica da *voz corpórea* do *Logos* poderá ser a ressonância tímbrica do dom da reciprocidade imprescindível para sair quer de uma certa religiosidade (crendice sem *habitação* cultural) quer de um determinado culturalismo (cultura sem *distância* incarnacional). Essa *Voz* do *Logos* presentifica-se no ato criador, na epifania onírica dos profetas, nas *des-velações* dos poetas e na vigilância atenta dos místicos. Em tudo esta *Voz* se faz carne num timbre consistente que faz renascer de novo quem a escuta (cfr. Jo 3, 1-21). A *Voz* do *dabar* divino habita o inesperado (cfr. Jo 3,8) e, por isso, surpreende-nos mesmo na *apatia* cinestética da aparente *mania* pampsiquista contemporânea.

Desde o pensamento grego estóico-platónico, sem ter deixado de contaminar uma parte da inteligência cristã de outrora e de hoje, que sobre a carne recai o odioso, a origem do mal, da existência precária, da morte e da vida, do nascimento e da ressurreição, da condenação e da salvação. Todavia, sem o *paradoxo da incorporação* do negativo e da sua possível metamorfose em Deus-mesmo, a encarnação converter-se-ia facilmente num fenómeno de excesso de fantasia e apagamento da “negatividade” e da *kenose* da existência. Como escreve justamente Byung-Chul Han, no seu livro *A agonia do Eros*, diante de um presente sempre mais otimizado, “é proibida toda a forma de negatividade”. Portanto, é essencialmente na fragilidade da carne que a potência de Deus salva (cfr. Ez 18,23; 2 Cor 12, 8-11; Lc 5, 31).

Assim, prosseguirmos a via de um *cristianismo ou de um crer indicial*, capaz de indiciar novos modos do *Verbo* se dar e exprimir contemporaneamente, é assumir de certa forma a plausibilidade de uma “*fenomenologia da nascente corporal*” em vista de uma maturação de uma *teologia do renascimento carnal*” (Emmanuel Falque). A habitação cultural é um ato de humanização que carnaliza horizontes novos de sentido impedindo a redução do humano à bestialidade de ser um somatório de atos vitais e à passividade evasiva da tecnocracia atual. A passagem dialética da *Voz* sussurrada ao *logos corpóreo*, como regista o filósofo Emmanuel Falque, poderá dizer a possível originalidade de uma “*hermenêutica da voz corpórea*” do *Logos* carnal que habita *em nós* e *é para nós*, humanos (cfr. 2 Cor 3,3). Esta *comunidade pática* que nos une e nos torna semelhantes na carnalidade vivente reenvia-nos à encarnação crística e à possibilidade de nela participarmos singularmente. Dito doutro modo, com a maravilha do escritor Alexis Jenni, no seu formoso livro *Son visage et le tien*: “Deus não pode ter rosto, mas os rostos sobrepostos de todos aqueles que O escutam e O sentem formam o rosto de Cristo, rosto múltiplo e doce, rosto coletivo numa só pessoa, assemelhável a todos e a cada um”.

Jérôme Alexandre, autor do livro *L’art contemporain, un vis-à-vis essentiel pour la Foi*, respondendo à interrogação da possibilidade de relação entre fé e arte contemporânea, aponta que a “arte interroga em profundidade a realidade e exprime-a sob um modo sensível. Quanto à fé cristã, ela crê que Deus se deu ao homem no sensível. Ela crê que Deus ama e salva aquilo que Ele criou: a carne, as coisas visíveis quanto as invisíveis, o mundo. Este ponto comum [...] poderá explicar nomeadamente a extraordinária fecundidade artística do mundo cristão ao longo dos séculos”. A carne é, portanto, condição para abertura de si ao mundo, como nascer é abrir-se em “*carne e osso*” (Miguel de Unamuno) à relação que nos constitui ontologicamente como pessoas.

O mistério da carne e da sua ambiguidade está bem presente, por exemplo, nas figuras da artista Berlinde de Bruyckere, cuja obra de referência se intitula *We are all flesh*, ou na pulsão sensitiva do pintor Francis Bacon, ou ainda na mostra poética da animalidade em Lucien Freud. A obra de Bruyckere é um ato de *reescritura* da carne onde os indícios de revelação transparecem e emergem na redução husserliana “em carne e osso”. *Aparecem*, nem sempre explicitamente, e *revelam* a procura de uma augusta autenticidade interior e de uma lúcida folia. A perspectiva

incarnacional do cristianismo é a afirmação da condição corpórea como lugar da experiência de Deus e da graça que salva. Como diria Tertuliano, na sua obra *De resurrectione carnis*, “a carne é a charneira da salvação”, porque ela é o modo pelo qual nós fazemos a experiência viva das ambiguidades da nossa existência e também daquilo que possivelmente nos excede, Deus.

Neste *corpo de carne* que somos reside possivelmente a tematização de toda a existência – criação, encarnação, salvação, mal, justiça, desejo, pecado, razão, afeto, ódio, amor, vida e morte. O *Logos (Verbum)* é o mais denso e incontornável paradoxo, não abordável com simplificações morais ou logicismos imediatos. Na figura do paradoxo, profundamente enraizado nas Escrituras sacras, reside a possibilidade do “encontro inesperado do diverso” (Gabriela Llansol). Deus revela-se de modo sempre novo e inesperadamente inagarrável, pois, como diria o escritor Miguel Unamuno, no seu livro *A agonia do cristianismo*: “Os Evangelhos estão repletos de paradoxos, de ossos que queimam”, já que neles há um “jogo de combinações quase ilimitado” (Yves-Marie Blanchard). Paradoxalmente, seguindo o mesmo alinhamento, escreve o teólogo Henri de Lubac, no seu profético livro *Paradoxes*: “o Evangelho está pleno de paradoxos, pelos quais o espírito é sacudido [...]. E é pelo menos uma questão, de saber se toda a doutrina espiritual forte não deve necessariamente revestir uma *forma paradoxal*”!

Jogar este jogo de entrelaçamento de linguagens a partir da *forma paradoxal* na aproximação à nossa *carnalidade comum* poderá abrir possibilidades de encontros novos e a superação de temores atuais que minam a confiança cultural e espiritual entre os humanos. Mas o cristianismo contemporâneo parece viver um certo *impasse cultural* que dificulta a aceitação da corporeidade como lugar de revelação do *Logos*, “ícone visível do Deus invisível” (Col 1,15). Por um lado, a ideia de um mundo em devir agiliza um certo desprezo pela mundanidade. Por outro, a cultura ultramediática do corpo genitalizado agudiza a desconfiança dos mais ascetas relativamente a toda a carnalidade. O retorno do neo-gnóstico dá-se em força, e não apenas ao nível do pietismo, mas particularmente ao nível de um certo elitismo filosófico-religioso. A este se acrescenta um outro fator não menos importante, e talvez o mais relevante, que se manifesta na *fragilidade da receção* cultural e da sua habitação crítica por parte da inteligência da fé. É a pergunta que o teólogo Tertuliano, no seu tratado *A ressurreição dos mortos*, nos coloca: “por que

é que tu reprovias na carne aquilo que está à espera de Deus, aquilo que é esperança de Deus?”.

A elaboração de uma *nova est(é)tica da corporeidade* ou de uma reflexão sobre a “*carne das imagens*” (Mauro Carbone) em *visões/impressões/reinscrições* poderá ser de grande pertinência cultural para o cristianismo contemporâneo de modo que a relação entre transcendência e finitude, matéria e espírito, corpo e mente, não coexistam dualisticamente, mas numa *relação unitária diferenciada*. O retorno dos grandes temas do cristianismo, *indicialmente presente* no interior da cultura contemporânea, sob a forma de traços e de esboços, manifesta-se ainda amplamente em diversos modos e lugares. Na habitação intercultural hospitalar poderá estar a oportunidade para um diálogo crítico, não virulento, no âmago da chamada “idade secular” (Charles Taylor) à procura, na feliz expressão do filósofo francês Luc Ferry, da “divindade perdida”. Mesmo no silêncio da nau do templo sem divindade, os rumores de transcendência permanecem em *latência* e aparecem doutro modo, pois, como adverte o autor da carta aos hebreus: “Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos” (Hb 13,2).

Se o cristianismo é ainda um *corpo vivente*, ele é-o essencialmente por meio do paradoxo, que torna profundamente significativo o existir e a culturalidade humana. O cristianismo em si mesmo, paradoxo dos paradoxos, *faz pensar e dá que pensar*. Seria um retrocesso histórico e cultural voltar a considerar que tudo o que não fale dogmaticamente de Deus é necessariamente contra Deus ou a reduzir toda a filosofia/arte/ciência não-teísta à negação das verdades reveladas. Há uma verdade intrínseca a cada interioridade humana, a cada linguagem, expressão, gestualidade ou tonalidade não redutível apenas à modalidade do crer religioso explícito. É nesta simbiose crítico-dialógica de interação refletida entre cultura e cristianismo que o *logos* fenoménico e escriturístico poderão adquirir uma espessura corpórea e dar sentido a uma nova inteligibilidade do mundo.

O pintor Paul Klee, no seu belo livro *Escritos sobre arte* (“*O credo do criador*”), escrevia que a “arte não reproduz o visível, torna visível” o invisível, por mais perto ou longínquo que ele se manifeste. Do mesmo modo que Cristo, o ícone visível, dá a conhecer Deus porque a Ele jamais alguém o viu (cfr. Jo 1, 18), o homem religioso não pode ter a pretensão da revelação absoluta de Deus em suas manifestações culturais ou culturais.

O verdadeiro “drama” de hoje não será o do ateísmo, mas a impureza ideológica de um *teísmo desencarnado* a roçar a um certo angelismo puritano. O Deus cristão, incarnado e crucificado, não pensa o mundo, *habita-o*, e assume as nossas feridas e ambiguidades transfigurando-as. É, nesse sentido, pertinente a expressão de Blaise Pascal, nos seus famosos *Pensées*, quando escrevia que “o homem não é nem anjo nem besta, mas quem quer ser anjo, acaba por ser besta”.

Reconhecendo os limites do nosso campo de visão – sempre relativo a um espaço-tempo cultural –, este breve ensaio apresentará apenas alguns *indícios* declinados em *impressões, visões e reinscrições*. Aparições convergentes de um mesmo fenómeno, do humano em sua transcendência, filosofia, teologia e arte nutrem-se mutuamente sem se confundirem. A questão que se coloca é a de saber se poderemos dar crédito a esses *indícios que aparecem* e se eles são passíveis de qualquer ato de credulidade religiosa. Em sociedades abertas onde o respeito pela dignidade do próximo é a matriz ética de todo o corpo comunitário, juridicamente, os indícios constituem *per si* a condição inicial fundamental para um processo justo. Ao mesmo tempo, os indícios significam que algo se dá e advém até nós (passagem de uma metafísica da transparência absoluta a uma fenomenologia do dom inaparente), independentemente da operação que verifica a sua veracidade ou falsidade.

Nesse sentido, não será que o exercício da auscultação atenta aos indícios ou aos “rumores” da transcendência na cultura contemporânea é já sinal e presença de uma alteridade que nos alcança como evento inesperado? Não será o humano contemporâneo ainda um “ouvinte da Palavra”, na feliz expressão do teólogo católico Karl Rahner? Se assim é, de que modo se manifestam ao “olho que escuta” (Paul Claudel) os rumores de Deus? Radicalizando um pouco a questão, será que a *visão sentida* das coisas não se dará essencialmente de modo perfilado? Em cada percepção ou experiência sensível não vemos nem alcançamos tudo com um só olhar. Como escreve Jean Greisch, no seu livro programático *L'âge herméneutique de la raison*: “Tanto no encontro do texto, como na experiência da filosofia, da arte e da história, uma verdade se *manifesta, chega* uma verdade, uma verdade *se impõe*”, à espera de ser hospedada e compreendida. Mesmo se não vemos a coisa *em si* mesma, a coisa *mesma* dá-se-nos a ver em relação íntima com *quem vê* e *como vê* ou *pressente* o sentido que nesse evento de graça se prefigura.

A propósito do ato de ver, o ensaísta Gonçalo M. Tavares, no seu belo livro *Rezar na era da técnica. Posição no mundo de Lenz Buchmann*, escrevia que “não importa o lugar onde estamos mas o campo de visão e a posição relativa”. Trata-se, portanto, de ponderar aqui uma *experiência crente indicial* divisível ao outro homem. Uma *experiência perceptiva* corpórea que indique qualquer coisa de *abertura receptiva* ao diverso. Estes esboços não pretendem ser exegese nem descrição técnica dos textos ou obras aqui apresentadas. Eles pretendem somente *escavar* um sentido possível no *entrelaçamento fenomenológico* de linguagens *aparentemente* distantes. Pode ser que em alguns dos casos a interpretação apresentada seja entendida como forçada. Mas, se a arte ou o pensamento profundos, que vão muito além do modelo estetizante da *arte pela arte*, dão a pensar qualquer coisa de novo, ou melhor a perceberem silenciosamente a diurnidade noturna da existência, então aí se revela possivelmente a sua fecundidade.

Este ato de entrelaçamento intencional corresponde à nossa convicção de que a *experiência teologal vivida* deverá percorrer caminhos novos de elaboração e de estilo sem perder a sua pertinência pública de questionamento a si mesma e aos outros. Este exercício em maturação de relacionar discursos de instâncias de *sentido diferenciáveis* – como a arte, o cinema, a literatura, a fenomenologia, a estética ou a ciência – numa perspectiva indicial corresponde apenas à tentativa de inaugurar um *estilo diverso* (modo outro de transcrever o *não-visto* ou o *impensado* com grau de *tra(d)ição* que isso implica) de habitar a nossa contemporaneidade. No seu propósito originário, a manifestação artística é autêntica quando qualifica o humano, buscando a verdade das coisas, tal como as Escrituras Sacras, no paradoxo que *faz pensar e dá a pensar*. E o máximo paradoxo será mesmo reconhecer que não são os sábios que têm a ciência interpretativa dos textos sacros que fazem a experiência da Palavra vivente, mas os que reconhecem a sua impotência no confronto dos dilemas do mundo.

O sociólogo americano Peter Ludwig Berger entende por “índices de transcendência os fenómenos que sem sair do quadro do nosso universo “natural” parecem visar além da realidade empírica”. E que outra linguagem se não a da inspiração artística e poética para manifestar esses índices e indícios de transcendência? Não deveria o ato de fé inspirar-se nas artes para discernir outros modos de dizer a relação entre a divindade e a humanidade, ou atender aos indícios da carnalidade das imagens

várias enquanto “figuração no visível do invisível” (Merleau-Ponty)? Mais do que opor ou separar, não será mais viável entrelaçar a revelação da sabedoria do Verbo com a sabedoria do mundo (cfr. Rm 1, 21-22)? Diante da barbárie ideológico-fundamentalista que grassa na contemporaneidade, é possível hoje continuar com o discurso apologético da *via oppositorum* entre sabedorias?

A *presença indicial* na nossa condição corpórea ou a plausibilidade de um *cristianismo* mais *eventual-indicial* pelas *obras evangélicas* do que propriamente *evidencial* pelas demonstrações explicativas poderá ser também um grito contra os sacerdotes tanto da *evidência* como do “*eclipse/morte*” de Deus. A inflação cultural desta expressão desenquadra-se frequentemente da realidade e das vivências culturais do humano contemporâneo. Entre outras, a causa deste *temor e tremor* poderá ser o fechamento identitário tribal e a inépcia em frequentar/habitar outros lugares que não o próprio *habitat* natural religioso. A crise não é tanto de *proposta* quanto de *recepção* de uma possibilidade nova! A absolutização de uma visão do mundo (religiosa-política) provoca o “medo de existir” (José Gil) e conduz à autorreclusão identitária em formas violentas – “medo e arrogância” (Enzo Bianchi). A assunção da *diferença da alteridade* implica querer conhecer intimamente o outro no sentido de o habitar carnalmente para aí dialogar sem preconceitos nem ideologismos identitários.

A auscultação da *presença de indícios de transcendência* na cultura contemporânea exigirá, portanto, uma *hermenêutica da hospitalidade* e da habitação fenomenal intercorpórea dos espaços e dos tempos onde essa presença eventualmente se manifesta. A *abertura indicial corpórea* – figurada na escultura *Concetto Spaziale (Natura)* do artista italiano Lucio Fontana – das diversas linguagens para expressar o originário entrelaçamento de Deus com o humano e da abertura deste ao outro próximo qualifica-nos como *seres capazes de autotranscendência*. Para tal, só a *prática paciente do bisturi* disposto a rasgar a consistência material do visível poderá intuir a *presença mediada* da invisibilidade da Vida (cfr. Hab 2,2). A escultura de Fontana é um “talho no sentido” (Jean-Luc Nancy) que permite a hospitalidade do estrangeiro e consideração da sua irremediável diferença. Parafraseando o poeta Christian Wiman, diríamos que o negrume da pedra rochosa de Fontana não interdita a possibilidade de entrever um “bright abyss” ou um “*clarum per obscurius*”. O memorável livro *O Principezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry,

di-lo doutra forma: “as coisas realmente importantes são muitas vezes invisíveis para os olhos e só podem ser vistas com o coração”, através da visão em profundidade.

O *cristianismo*, em sua nua abertura *kenótica* metamorfoseante da humana finitude em Deus-mesmo, poderá tornar-se *indicial* (*cristianismo indicial* em sua capacidade de expressão da figura crística) de algo diverso e altamente qualificativo do crer e do pensar ético-cultural em sua modelação *escato-est(é)tica*. O fundamental não será tanto saber *qual* ou *que* originariedade nos funda, mas *como* essa manifestabilidade nos excede e abre às diferenças narrantes da historicidade humana. Seguindo os rastros das intuições de um dos génios do cristianismo contemporâneo, de nome Karl Rahner, o qual, incompreensivelmente na teologia e na praxis eclesial hodierna, caiu num certo esquecimento, o que aqui tentaremos indiciar é que “entre a imagem do mundo e a verdade Deus há uma relação recíproca que os separa e que os une” (K. Rahner). Nesse mesmo sentido, mas com outra linguagem, o escritor Hermann Hesse, no seu romance *Narciso e Goldmundo* (1930), coloca em diálogo um monge místico (Narciso, racional e culto) e um artista mundano (*Goldmundo*, criativo e sensível). No final do romance, o monge Narciso reconhece que

muitos caminhos conduzem ao conhecimento e que a via do pensamento abstrato não é a única, nem pode ser a melhor. De facto, é a minha via e considerá-la-ei. Mas vejo-te, pela via oposta, concretizar também profundamente o segredo de ser e a exprimi-lo de modo bem mais vivo do que uma grande parte dos pensadores [...]. O nosso pensamento é uma constante abstracção, ele separa-se do sensível, tenta construir um mundo puramente espiritual. Mas tu, tu trazes justamente no coração aquilo que é inconstante e mortal e proclamas o sentido do mundo naquilo que é fugitivo [...]. Os dois métodos são humanos, talvez imperfeitos; mas há mais inocência na arte.

Mas, tal como Narciso, estará o filósofo, o religioso ou o ateu, na aparência da frágil possessão de verdades absolutas, disposto ao reconhecimento de outras verdades possíveis e de novos indícios iluminantes no espaço da interculturalidade humana que nos é comum? Num contexto intercultural e inter-religioso como o nosso, o ponto espinhoso do saber teológico residirá sempre em saber *em que medida* e *de que*

modo a Revelação cristã interdepende e intercomunica com as condições de acesso e de receção humana em sua existência histórica. Não é precisamente a pensabilidade de uma *impossibilidade*, que um homem singular seja também Deus, que tem marcado a prática da criatividade literária, artista e filosófica do Ocidente, entre a aceitação e a recusa de crer?

Estes indícios e muitos outros, legados por mentes pensantes e criativas da nossa contemporaneidade, poderão constituir-se pilstras de apoio para outros andamentos e *diálogos*. Muitos dos “esquissos picturais” (Anselmo de Cantuária), presentes na criatividade artística hodierna, coincidem com a reflexão teológica do cristianismo ao longo dos tempos, tais como: o corpo, a encarnação, a imortalidade, a morte, o *logos*, o mal, a violência, a graça, a metamorfose, a transfiguração, a revelação, a vida, a fé, Deus, o homem, o mundo, o eros e o ágape. Aliás, essa preocupação subjaz à própria elaboração dos escritos neotestamentários e patrísticos onde há uma sadia “contaminação” entre a novidade cristã nascente e as ideias culturais e literárias helénico-judaicas (cfr. Act 17,28).

Porém, inevitavelmente, hoje, esses mesmos lugares aparecem *reinscritos de outro modo* e vividos com outra linguagem como a poesia, a pintura, o cinema, o romance, a escultura, as artes performativas, a estética, a ciência. Uma epifania eloquente dessa presença subsolar, do elemento *ut pictura poesis* de Horácio, é o mural pictural *Ecriture rose* (1958-1959), do artista Simon Hantaï (1922-2008). Os indícios podem sempre emergir destes modos de habitar as contradições humanas como um olhar que recebemos de uma ideia, imagem, poesia, pintura, melodia ou de gestos aparentemente insignificantes. Este novo modo de percecionar o *visível do invisível* – que uma certa fenomenologia torna possível – contrasta com o modelo objetivístico (sujeito-objeto) para entrar no paradigma da reversibilidade afetante entre o ver e o ser visto, o tocar e o ser tocado, entre a passividade e a atividade dos atos relacionais da existência. Este estilo indicial exige *travessia* e *hospitalidade* sensível e não tanto um saber arqueológico já constituído de traças longínquas de um outrora sem presença.

Indícios resulta, portanto, de uma seleção de alguns artigos publicados no *Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura* e em alguns outros espaços de intervenção. Os textos *Visão háptica como estética cinematográfica* e *Tournant teologal do cinema europeu?* são publicados pela pri-

meira vez e constituem uma visão mais teórica da experiência fílmica que aqui se lhes segue. Para garantir uma maior coerência e unidade temática, procuramos proceder a uma revisão sintática e semântica dos textos por forma a evitar repetições, enriquecendo-os em termos de conteúdo. Cremos que a essa unidade entre os textos preside um horizonte de fundo, no limite entre o paradoxo ou a *experiência da inexperience* do *que* e *como* se manifesta a encarnação/incorporação do *Logos* que regenera o rumor temporal do nosso *renascimento* eterno.

Para uma melhor inteligibilidade das intuições aqui simplesmente acenadas, procuramos apresentar estes indícios sob três estilos ou modos de manifestação. Na primeira parte, esses vestígios *aparecem* em modo de *Impressões*. Uma certa demoração nesta parte poderá servir de pórtico ao conjunto da proposta, sem beliscar uma possível leitura independente das partes. Num segundo momento, mergulhamos em *Visões* onde o olhar do cinema é onnipresente. No terceiro e último momento, apresentamos as *Reinscrições* desses indícios a partir da literatura, da pintura e da imaginação vivente! Esta estrutura fenomenológica da existencialidade crente não é nem realista nem simplesmente ideal, mas contingencial (*con-tingere*) e vivencial. Sem querer perder a plausibilidade reflexiva da proposta, referenciaremos sempre que oportuno no corpo do texto as fontes com as quais procuramos elaborar este breve *map road* da transcrição vivente do cristianismo no contexto da cultura contemporânea.

O conjunto de *indícios* aqui acolhidos resulta da experiência vivida *corpo-a-corpo* com alguns dos atores contemporâneos. Uma habitação não sem bastante desconsolação e intermitência que se instaura neste *combate afetivo*. A intenção deste breve opúsculo não é senão tentar um entrelaçamento constitutivo entre o dispositivo teológico e o dispositivo antropológico-fenomenológico e apelar a um *olhar simpático* para com o ambiente cultural enquanto lugar de uma disposição fundamental de aquiescência aos *indícios de transcendência e da encarnação do Logos afetivo*. Atender ao *desvelamento* sempre parcial de um evento (som, ideia, figura, imagem) é tornar-se disponível para o *recolhimento* paciente enquanto e na medida em que se dá a ver no entrelaçamento com o movimento perceptivo e tocante do nosso corpo.

Em suma, *Indícios* é, ainda, um fragmento disperso, talvez errante ou primaveril, à espera de uma outra maturação. Muitas das referências e conceitos aqui expostos mereceriam uma outra problematização, mas

isso fugiria ao nosso intento primordial, que é o de *acolher/escutar* o evento da criação em sua *automanifestação de sentido*. Diante da crise de leitura e do questionamento filosófico do homem contemporâneo, talvez seja original gerar comunidades afetivas em torno da semântica das ideias e das artes entrelaçadas *possivelmente* com o silêncio litúrgico das escrituras sacras. Se “é de nós que nos fala a Palavra das Escrituras, deste vivente que cada um de nós é” (Michel Henry), não poderá a prática comunitária desse entrelaçamento hermenêutico ser plausível?

Seja pelo questionamento inebriado de quem procurou expressar-se e interpretar-se nesses *indícios vividos em situação crente*, seja pela abertura contingencial ao evento originário que nos chega como dom, resta-nos apelar à benevolência e ao discernimento inteligente do leitor que, porventura, ouse abrir as páginas deste breve *ensaio indicial* e nele decida morar criticamente durante algum tempo! Permanece sempre a esperança de que o leitor possa vir a aceder e a habitar as diversas fontes e estilos artísticos aqui evocados e, a partir delas ou de outras, projetar um possível itinerário crente-existencial. E deles talvez emergam imaginativamente novos e antigos *indícios*, ou como nos interpela Peter L. Berger: “Se, nos nossos dias, os indícios de transcendência não são mais do que rumores, nada nos impede de nos colocar à escuta destes rumores – ao ponto de remontar à sua fonte”.

Em jeito de um pensar questionante e de uma possível linha interpretativa de quanto aqui propomos, na feliz expressão do literário Manuel Frias Martins, com que cunhou o seu belíssimo ensaio *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*, ousaríamos dizer que todos estes indícios são índice de uma “espiritualidade clandestina [...] e do seu olhar sobre a existência humana”. Nesta “espiritualidade clandestina”, não dogmático-institucional, reside uma preocupação pela contingência humana e da sua possível salvação (desejo de uma vida reconciliada) ou perdição (divisão e exasperação). Ela suscita a questão, ainda que aqui por nós culturalmente glosada, solevada por Karl Rahner, de saber se não estaremos perante um “cristianismo anónimo”, “implícito”, do humano habitado por uma graça que excedendo-o, sobriamente presente na sensibilidade artística contemporânea e na nossa contingencial existencialidade. Mas, por ora, se estes *indícios* se revelarem e assumirem como um ponto de fuga aos lugares-comuns da imaginação cultural e da credulidade religiosa, eles terão cumprido pelo menos a sua intenção interrogativa.

Atendendo que as ideias, os pensamentos ou as imagens advêm sempre de confluências e influências múltiplas, consonantes ou dissonantes que elas sejam, não poderíamos deixar de expressar aqui um sentido reconhecimento ao escritor e amigo José Tolentino Mendonça, que pacientemente incentivou e possibilitou a publicação deste pequeno ensaio; ao professor Manuel Moreira da Costa Santos pela sua atenta releitura deste ensaio e pela sua transmissão vivente e culta de um saber teológico original e de amplo respiro dialogal; à professora Maria Raquel Cortez pela sua atenção sábia ao *advérbio* gramatical. Por fim, *last but not least*, àqueles e àquelas, que, no silêncio notívago da sua *recriação*, nos revelam indícios da *presença de uma ausência* e são um grito *kenótico* contra a desumana barbárie sempre pronta a desvelar-se na espacialidade diurna da nossa breve existência.

ÍNDICE

PRELÚDIO.....	9
---------------	---

IMPRESSÕES

§1. Pórtico: Invocar a metáfora, mover os afetos	24
§2. Tanta Epifania quanta Refração	29
§3. Metamorfoses do <i>Logos</i>	34
§4. Variações do <i>Verbum</i>	38
§5. Quando a fé-fiducial nos <i>comove</i>	45
§6. <i>Consentir assentindo</i>	50

VISÕES

§7. Visão háptica como estética cinematográfica.....	58
§8. <i>Tournant</i> teologal do cinema europeu?	64
§9. <i>Bestas do Sul Selvagem</i> : antropia, relação e liberdade	69
§10. <i>E agora, onde vamos?</i>	73
§11. <i>Quem deseja ser amado?</i>	78
§12. <i>Pietà</i> , se isto é um homem	84
§13. <i>Passar a Taprobana</i> : Bill Viola e <i>Stop the pounding heart</i>	89
§14. <i>Corpo celeste</i>	93
§15. <i>A Aldeia de Cartão</i>	98

§16. <i>O cavalo de Turim</i>	103
§17. <i>A Árvore da Vida</i>	108
§18. <i>Decálogo I: Quero-te bem</i>	112
§19. <i>Dos homens e dos deuses</i>	117
§20. <i>Da figuração à transfiguração do Logos no cinema cristológico</i> .	120
<i>No princípio era o Ícone</i>	120
<i>Des-figurações culturais</i>	124
<i>Via transfigurativa e via histórico-figural</i>	125
<i>Rei dos Reis</i>	127
<i>O Evangelho segundo Mateus</i>	128
<i>O Rei</i>	130
<i>O Festim de Babette</i>	136
<i>O Moinho e a Cruz</i>	137
<i>O Novo Testamento de Jesu Christo Segundo S. João ou delicado corpo da voz</i>	141

REINSCRIÇÕES

§21. <i>Corpo silente</i>	146
§22. <i>Atlas do Corpo e da Imaginação</i>	152
§23. <i>Corpo velado</i>	156
§24. <i>Paraíso e Inferno</i>	159
§25. <i>A Anunciação de Claudel e o Deus de Etty</i>	164
§26. <i>Imortalidade risível?</i>	169
§27. <i>Quiasmos de incredulidade</i>	173
§28. <i>Passos e passagens da Via Crucis de Kcho</i>	177
§29. <i>Entre-laços: Memorial de um morrer crente</i>	181

POSLÚDIO: O olho escuta	185
--------------------------------------	-----